

# al-makam

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265 [semestral]

online

#26 (tomo 2) Jul. 2023

## UM VASO DA IDADE DO BRONZE



**Património Cultural  
Subaquático em São Miguel,  
Açores**

**Da Hispânia ao al-Andalus:  
arabização, islamização e resistência  
no meio rural**

**O Cão, o Guarda e a Fábrica:  
ausências agenciais e ontologias  
desconfortáveis**



**CAA**

Centro de Arqueologia de Almada



Capa | Jorge Raposo

Composição de vasos cerâmicos da Idade do Bronze que se inserem numa tipologia muito particular, caracterizada pelo largo bordo horizontal. A peça da foto está exposta no Núcleo Museológico de Arqueologia de Viana do Castelo e provém do Monte da Ola, neste município. No desenho, peça do acervo da Fundação Sousa Oliveira (Açores), provavelmente com a mesma origem.

Foto | © Raquel Vilaça, André Lopes Pereira, Anna Lígia Vitale e César Oliveira / Câmara Municipal de Viana do Castelo



2.ª Série, N.º 26, Tomo 2, Julho 2023

#### Proprietário e editor |

Centro de Arqueologia de Almada,  
Apartado 603 EC Pragal,  
2801-601 Almada Portugal

NIPC | 501 073 566

#### Sede do editor e da redacção |

Travessa Luís Teotónio Pereira,  
Cova da Piedade, 2805-187 Almada

Telefone | 212 766 975

E-mail | c.arqueo.alm@gmail.com

Internet | www.almadan.publ.pt

ISSN | 2182-7265

#### Estatuto editorial |

www.almadan.publ.pt

#### Distribuição |

http://issuu.com/almadan

#### Periodicidade | Semestral

Apoio | Câmara Municipal de Almada /  
Associação dos Arqueólogos Portugueses /  
Arqueohoje - Conservação e Restauro  
do Património Monumental, Ld.ª /  
Dryas - Octopétala, Ld.ª / Câmara  
Municipal de Oeiras / Neoépica, Ld.ª

#### Director |

Jorge Raposo

(director.almadan@gmail.com)

Publicidade | Centro de Arqueologia  
de Almada (c.arqueo.alm@gmail.com)

Renovar o estudo de peças arqueológicas incorporadas em colecções reunidas em recolhas antigas produz frequentemente resultados surpreendentes e valiosos, quer porque estas são abordadas sob novas perspectivas teóricas e metodológicas, quer porque se lhes aplicam técnicas e tecnologias inovadoras ou de uso cada vez mais desenvolvido e disseminado.

A abrir as páginas deste tomo da *Al-Madan Online* está um desses exemplos, no caso aplicado a um vaso da Idade do Bronze que é pertença de uma fundação açoriana e tem paralelo num outro, exposto no Núcleo Museológico de Arqueologia de Viana do Castelo e proveniente do Monte da Ola. São significativos os avanços na descrição, caracterização, enquadramento cronológico e definição da funcionalidade desta peça específica, mas também nas considerações sobre uma tipologia cerâmica que pontua o Noroeste da Península Ibérica ao longo do 2.º milénio a.C., facilmente identificável pelo bordo largo, plano e horizontal, com a face superior preenchida por soluções decorativas muito variadas. Ainda que a ligação deste vaso aos Açores seja apenas incidental e resulte do seu percurso pós-descoberta, o Património histórico e arqueológico desta Região Autónoma está bem presente nesta edição, quer através de estudo que ilustra o que nos podem dizer a Arqueologia, a Antropologia e a investigação histórico-documental sobre a população medieval e moderna de Vila do Porto, na ilha de Santa Maria, mas também quanto ao Património Cultural subaquático da ilha de São Miguel, no âmbito de um projecto internacional para a promoção do turismo cultural, em geral ou especificamente centrado no património arqueológico.

Estas são também preocupações transversais de iniciativas como o projecto TURARQ, que visa promover o turismo científico e cultural nos territórios de baixa densidade do Médio Tejo português, nomeadamente nos municípios de Abrantes, Constância, Mação, Tomar e Vila Nova da Barquinha. E são também inquietações de outros artigos que evidenciam as interligações entre este tipo de abordagens e a indispensável sociabilização da Arqueologia e do Património arqueológico, através de acções formativas e de Educação Patrimonial que estimulem a integração das comunidades e dos agentes locais. Como as páginas seguintes voltam a ilustrar, são muitos e diversificados os “patrimónios” que sustentam e viabilizam este tipo de intervenção social e cultural, dos contextos pré e proto-históricos aos resultantes da industrialização e desindustrialização recente. São apenas alguns tópicos da interessante leitura que pode proporcionar mais este tomo da *Al-Madan Online*. Renovados votos de que esta se faça com prazer, de boa saúde e em segurança.

Jorge Raposo, 5 de Julho de 2023

#### Conselho científico |

Amílcar Guerra, António Nabais,  
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva  
e Carlos Tavares da Silva

Resumos | Autores e Jorge Raposo  
(português), Luísa Pinho (inglês)  
e Maria Isabel dos Santos  
(francês)

#### Modelo gráfico, tratamento de imagem e paginação electrónica |

Jorge Raposo

Revisão | Autores e  
Fernanda Lourenço

#### Colaboram neste tomo |

Nelson J. Almeida, Rita Anastácio,  
João Barreira, Luís Carlos Borges,  
Patrícia Bruno, Douglas Cardoso,  
Carlos Luís Cruz, Regina Delfino,  
Cleia Detry, José d'Encarnação,  
Eduardo Ferraz, Luís Mota Figueira,  
Sara Garcês, Hugo Gomes,  
Marta Isabel Caetano Leitão,  
Marco Martins, José Luís Neto,  
Sérgio Nunes, César Oliveira,  
Luiz Oosterbeek, Maria de Fátima  
Palma, Pedro Parreira, Anabela  
Borralheiro Pereira, André Lopes

Pereira, Franklin Pereira, Paulo  
Oliveira Ramos, Joana Rey, Diniz  
Rezendes, Bilal Sarr, João Luís Sequeira,  
Miguel Serra, Anícia Trindade,  
Alexandra Vieira, Raquel Vilaça  
e Anna Lígia Vitale

Os conteúdos editoriais da *Al-Madan Online*  
não seguem o Acordo Ortográfico de 1990.  
No entanto, a revista respeita a vontade  
dos autores, incluindo nas suas páginas tanto  
artigos que partilham a opção do editor  
como aqueles que aplicam o dito Acordo.

EDITORIAL... 3 ▶

CRÓNICA

Os Iconoclastas... |  
José d'Encarnação... 6 ▶



ESTUDOS



Construindo o Catálogo Largo  
Bordo Horizontal: um novo vaso  
da Idade do Bronze | Raquel Vilaça,  
André Lopes Pereira, Anna Lígia Vitale  
e César Oliveira... 9 ▶



Os Mouros na Arqueologia  
e na Toponímia Portuguesa:  
algumas considerações |  
Alexandra Vieira... 32 ▶

Contributo para o Estudo do  
Património Cultural Subaquático em  
São Miguel, Açores: subsídios do Arquivo  
Histórico da Marinha para a investigação  
dos naufrágios e encalhes | José Luís Neto,  
Luís Borges e Pedro Parreira... 22 ▶



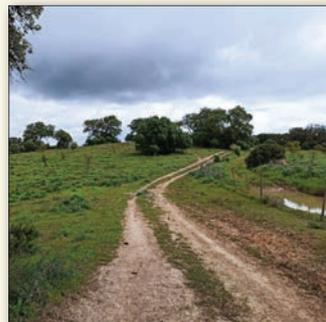
ARQUEOLOGIA



Primeiros Resultados do Projeto IACAM.  
Mesquita, Mértola. Da Hispânia ao  
al-Andalus: arabização, islamização e  
resistência no meio rural | Maria de  
Fátima Palma e Bilal Sarr... 42 ▶



A Aldeia / Alcária de  
São Martinho da Bemposta  
(Casebres, Alcácer do Sal) |  
Marta Isabel Caetano  
Leitão... 51 ▶



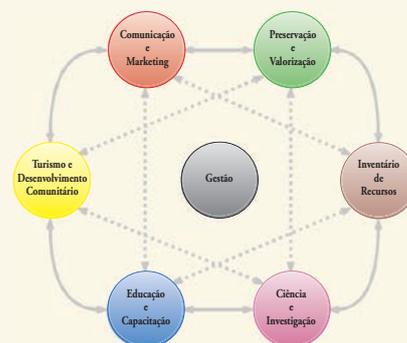
Intervenção Arqueológica no Antigo  
Hospital da Misericórdia de Vila do Porto  
(Ilha de Santa Maria, Açores) | José Luís  
Neto, Carlos Luís Cruz, Luís Carlos Borges  
e Diniz Rezendes... 58 ▶

## ARQUEOLOGIA ALÉM-FRONTEIRAS



Missão Arqueológica no Chade  
(África Central): campanha de 2023 |  
Miguel Serra e João Barreira... 71 ▶

## EDUCAÇÃO PATRIMONIAL



Projeto TURARQ - Turismo Arqueológico para  
Territórios de Baixa Intensidade do Médio Tejo |  
Eduardo Ferraz, Anícia Trindade, Douglas

Cardoso, Hugo Gomes, Marco Martins, Sara Garcês, Sérgio Nunes, Luís Mota  
Figueira, Regina Delfino, Joana Rey, Rita Anastácio, Anabela Borrallheiro  
Pereira e Luiz Oosterbeek... 81 ▶

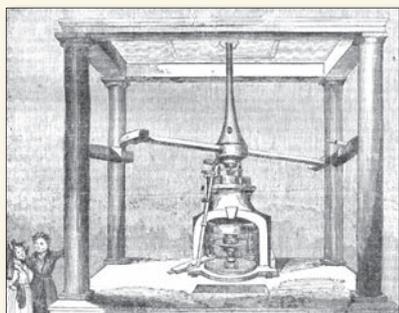
## PATRIMÓNIO



Os Frontais de Altar em Guadameci nas  
Igrejas de Picanreira, Murfacém e Miragaia |  
Franklin Pereira... 93 ▶



Taipa Militar no Garb  
al-Andalus (Séculos X-XIII) |  
Patrícia Bruno... 99 ▶



Viagem à Memória (Industrial) do  
N.º 89 da Rua de São Paulo, Lisboa |  
Paulo Oliveira Ramos... 111 ▶



O Cão, o Guarda e a  
Fábrica: ausências agenciais  
na arqueologia industrial e  
ontologias desconfortáveis |  
João Luís Sequeira... 118 ▶

## NOTICIÁRIO ARQUEOLÓGICO

A Zooarqueologia como um indicador de colapso social durante  
o Calcolítico final do sudoeste ibérico: perspectivas desde a biometria  
tradicional, geometria morfométrica, dieta e mobilidade das faunas  
dos Perdígões | Nelson J. Almeida e Cleia Detry... 131 ▶

## EVENTOS

Agenda de Eventos... 135 ▶

## LIVROS & REVISTAS

Novidades editoriais... 136 ▶

# Construindo o Catálogo Largo Bordo Horizontal um novo vaso da Idade do Bronze

## RESUMO

Os autores publicam um vaso de tipo Largo Bordo Horizontal pertencente à Fundação Sousa de Oliveira (Ponta Delgada, Açores). Embora de proveniência e contexto até ao momento desconhecidos, deverá ser oriundo do Noroeste peninsular, muito provavelmente do território português, atendendo à sua tipologia. A peça tem uma cronologia da Idade do Bronze e a sua importância justificou o estudo desenvolvido, que é mais um contributo para o catálogo daquela categoria de cerâmica. Para além da caracterização do vaso nas suas diversas facetas, realizaram-se análises cromatográficas e uma datação de radiocarbono. Discutem-se alguns dos aspectos inerentes a este tipo de cerâmica e à origem do recipiente.

PALAVRAS-CHAVE: Idade do Bronze; Noroeste peninsular; Cerâmica; Datação radiocarbónica; Análise de materiais.

## ABSTRACT

The authors publish a Horizontal Wide Rim vase belonging to the Sousa de Oliveira Foundation (Ponta Delgada, Azores). Although its origins and context are still unknown, its typology seems to point to its origins in the Northwest of the Iberian Peninsula, probably the Portuguese territory. The chronology of the piece has been established at the Bronze Age and its importance has justified its study, which constitutes one more contribution to the catalogue of that ceramics category. Besides the characterisation of the vase in its multiple aspects, the authors carried out a chromatographic analysis and radiocarbon dating. They also discuss some aspects of this type of ceramics and the origin of this particular vase.

KEY WORDS: Bronze age; Northwest of the Iberian Peninsula; Ceramics; Radiocarbon dating; Analysis of materials.

## RÉSUMÉ

Les auteurs publient un vase de type Large Bord Horizontal appartenant à la Fondation Sousa de Oliveira (Ponta Delgada, Açores). Bien que de provenance et contexte inconnus jusqu' alors, il devrait être originaire du nord-ouest péninsulaire, très probablement du territoire portugais, au regard de sa typologie. La pièce a une chronologie de l'Âge du Bronze et son importance a justifié l'étude développée qui est une contribution supplémentaire au catalogue de cette catégorie de céramique. Outre la caractérisation du vase dans ces diverses facettes, des analyses chromatographiques et une datation radio-carbonique ont été réalisées. Sont discutés certains des aspects inhérents à ce type de céramique et à l'origine du récipient.

MOTS CLÉS: Âge du Bronze; Nord-ouest péninsulaire; Céramique; Datation radio-carbonique; Analyse de matériaux.

Raquel Vilaça<sup>1</sup>, André Lopes Pereira<sup>2</sup>, Anna Lígia Vitale<sup>2</sup> e César Oliveira<sup>3</sup>

## 1. NOTA INTRODUTÓRIA

Posseui a Fundação Sousa de Oliveira (Ponta Delgada, Açores) um vaso de Largo Bordo Horizontal (adiante LBH), infelizmente de proveniência desconhecida, tal como desconhecidas são as circunstâncias em que a peça ingressou no acervo pessoal de Manuel Sousa de Oliveira (1916-2001), acervo que esteve na origem da criação daquela instituição por disposição testamentária do seu patrono (BAIROS, 2018; DIAS, 2020).

Pelas suas peculiares características formais e estilísticas (corpo globular de largo bordo decorado) e bom estado de conservação (a peça encontra-se completa), efectuou-se imediatamente a sua identificação tipológica, quando, em 2021, o Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra foi contactado no sentido de se proceder ao estudo do vaso.

Porém, nem as informações disponibilizadas pela Fundação Sousa de Oliveira (adiante Fso), nem as que desenvolvemos posteriormente, e que adiante descrevemos, proporcionaram outras pistas seguras de interesse arqueológico sobre o recipiente. Encontrando-se em curso, mas não de modo contínuo e sistemático, a inventariação / catalogação do espólio material e documental da Fso, é admissível que algum registo manuscrito venha a ser localizado futuramente no sentido de proporcionar a informação em falta. Por conseguinte, apenas dispomos da referência marcada a tinta da China na superfície exterior (base) do recipiente, onde se lê “FSO A. 0016”.

Um vaso sem contexto e, mais ainda, de proveniência desconhecida revestia-se, e revestia-se, de interesse relativo. Trata-se de um objecto sem situação. E se é a situação que transforma “coisas” em “objectos arqueológicos”, portanto, com sentido, o sentido deste vaso não pode deixar de ser arqueologicamente reduzido.

Que fazer, então? Ignorar a peça atendendo ao seu questionável interesse científico, ou valorizá-la no que estivesse ao nosso alcance? Para todos os efeitos, como “*bem arqueológico móvel*”, isto é, como “*património cultural [...] portador de interesse cultural relevante [...] que reflectirá valores de memória, antiguidade, autenticidade [...]*” (Artigo 2.º, ponto 3 e da Lei n.º 107/2001, de 8 de Setembro), entendemos que valia a pena

<sup>1</sup> Instituto de Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. CEAACP - Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património ([rvilaca@fl.uc.pt](mailto:rvilaca@fl.uc.pt)).

<sup>2</sup> Alunos do Mestrado em Arqueologia e Território. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra ([alpereira.99@hotmail.com](mailto:alpereira.99@hotmail.com); [vitaleannaligia@gmail.com](mailto:vitaleannaligia@gmail.com)).

<sup>3</sup> Laboratório Hercules. Universidade de Évora ([cesar.oliveira@uevora.pt](mailto:cesar.oliveira@uevora.pt)).

Por opção dos autores, o texto não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

dar o nosso contributo, qualificando a peça e, portanto, foi realizado o estudo possível e sua divulgação.

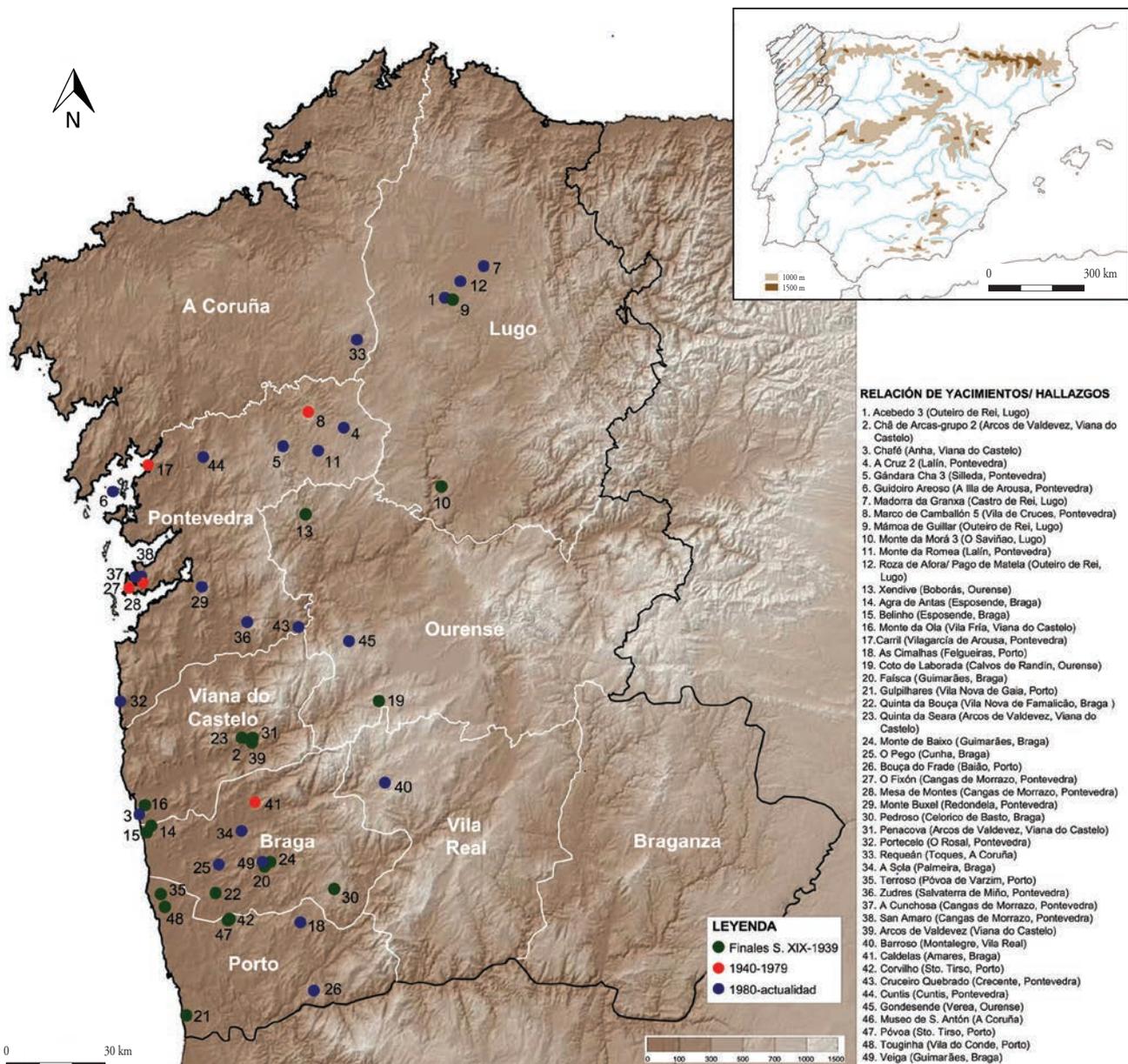
Primeiramente, o vaso foi alvo de apresentação pública em contexto académico por dois dos autores deste texto (PEREIRA e VITALE, 2021). Depois, e procurando aprofundar alguns aspectos apenas aflorados nesse trabalho, desenvolveu-se, para além de outras vertentes, uma abordagem de cariz interdisciplinar enriquecida com os resultados das análises de cromatografia aos resíduos orgânicos conservados na superfície interior do vaso (OLIVEIRA *et al.*, 2022). Agora, não só se retomam alguns dos principais aspectos resultantes deste estudo, como se incorpora a informação de uma datação radiométrica inédita, divulgando junto de um público mais abrangente o resultado da nossa pesquisa. É esse o objectivo deste contributo que, de modo algum, pretendeu constituir-se como revisão e actualização das problemáticas, e são várias, que giram em torno dos vasos LBH.

## 2. BREVE HISTORIAL DOS VASOS LBH

O expressivo grupo de cerâmicas LBH, característico da Idade do Bronze do Noroeste peninsular (Fig. 1), chamou a atenção dos investigadores desde inícios do século XX, quando ocorreram os primeiros achados em território hoje português. Desde então o tema foi sendo tratado de forma recorrente e alvo de sistematização em livro em tempos mais recentes (NONAT, VÁZQUEZ LIZ e PRIETO MARTÍNEZ, 2015).

Na realidade, os primeiros achados ter-se-ão verificado em 1877, no Monte de Baixo, Barqueiro (Guimarães), de acordo com a informação de Martins Sarmiento nos seus manuscritos inéditos, mas só divulgada postumamente (CARDOZO, 1936: 67; SARMENTO, 1901: 125-126).

FIG. 1 – Área de distribuição dos vasos LBH (segundo NONAT, VÁZQUEZ LIZ e PRIETO MARTÍNEZ, 2015: 6).



Assim, numa das primeiras referências, Félix Alves Pereira nota que o vaso do concelho de Arcos de Valdevez, oferecido pelo Padre Manuel da Cunha Brito ao então Museu Ethnologico Português “*é uma preciosidade que merece estudo sério*” (PEREIRA, 1904: 37). Leite de Vasconcelos, atendendo a outros exemplares conhecidos, imprime-lhes singularidade ao designá-los por “*vases d’une forme spéciale (semblables à des chapeaux), avec des dessins sur les bords*” (VASCONCELOS, 1905, 66). E José Fortes dedica-lhes uma primeira notícia de cariz monográfico, intitulando-os por “*vasos em forma de chapéu invertido*” (FORTES, 1905-1908). A designação hoje adoptada de “Largo Bordo Horizontal” impôs-se a partir da década de 1930. A invulgar forma destes vasos ajuda a entender ainda que um deles, atribuído a Belinho (Viana do Castelo) e exibido numa das vitrinas do Museu Ethnologico Português, já instalado no Mosteiro dos Jerónimos, tenha também despertado a atenção do jovem Francisco Tavares Proença Júnior numa das três visitas que realizou e que dele deixou toco esboço no seu caderno de “Apontamentos de Archeologia” (PROENÇA JÚNIOR, s.d.) (Fig. 2). Este vaso, aí referido com 5582, corresponde ao n.º 9946<sup>1</sup> de Belinho, S. Paio de Antas, entretanto publicado (SOEIRO, 1988: fig. III-2).

Portanto, foi fácil desde cedo o reconhecimento da existência de um tipo singular de cerâmica. O mesmo não sucedeu com a sua cronologia. Efectivamente, em inícios de novecentos e ainda durante largas décadas, a atribuição cronológica destas cerâmicas foi bastante incerta, divergindo entre os investigadores, que se apoiavam sobretudo em critérios estilísticos. Os achados repetiam-se, no Minho e também na Galiza, mas quase sempre de forma ocasional e com contextos pouco definidos ou mesmo desconhecidos.

Uma análise historiográfica bastante exaustiva foi elaborada por CRUZ e GONÇALVES (1998-1999: 13-16), tal como por NONAT, VÁZQUEZ LIZ e PRIETO MARTÍNEZ (2015: 4-10), pelo que nos limitamos a salientar algumas anotações. Entre outros, podemos referir a ideia de que datariam de finais do Neolítico (VAS-

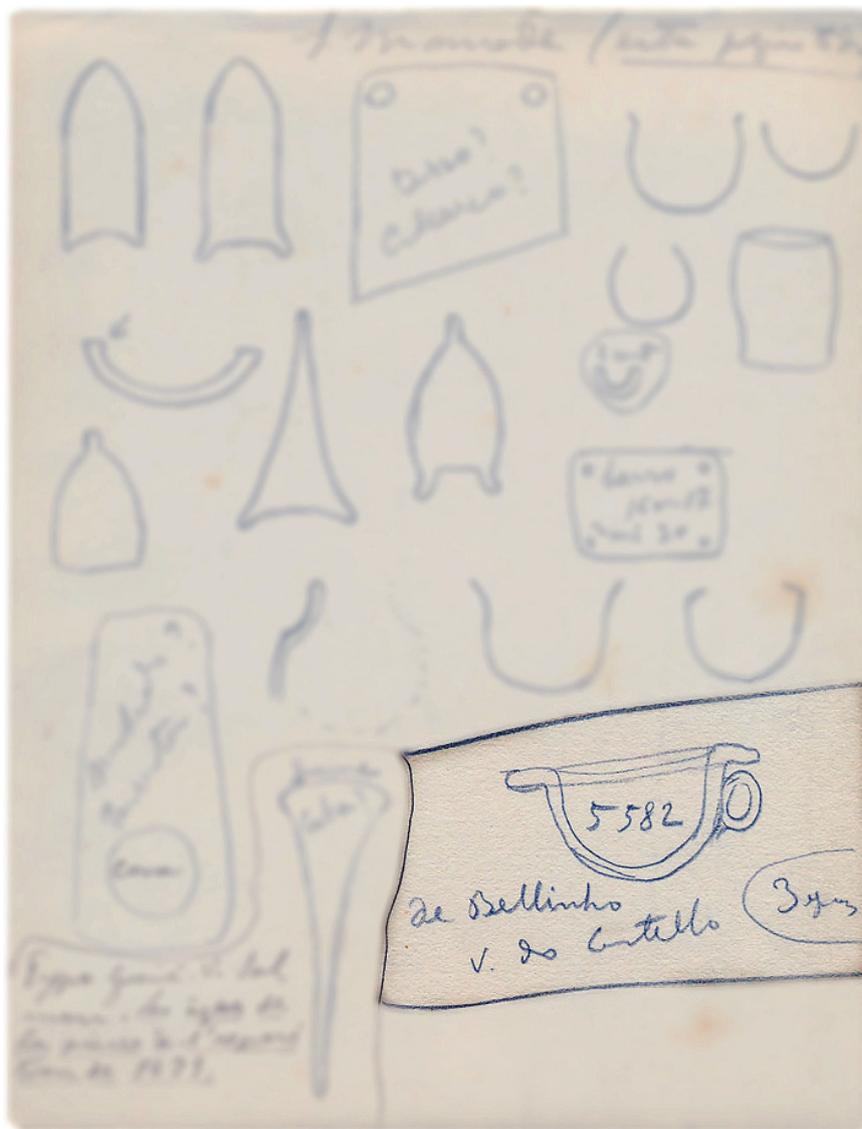


FIG. 2 – Página de um dos cadernos de “Apontamentos de Archeologia” de Francisco Tavares PROENÇA JÚNIOR (s.d.) com esboço de um dos vasos LBH de Belinho.

CONCELOS, 1905: 66); ou de finais da Idade do Ferro, neste caso também em função dos fragmentos recolhidos no “*estrato lusitano-romano*” do povoado de Terroso (Póvoa de Varzim), admitindo-se ao mesmo tempo a possibilidade de uma larga diacronia: “[...] *a forma típica perdeu-se largos séculos*” (FORTES, 1905-1908: 664). Uma atribuição feita à Idade do Ferro, relacionada com a “*cerâmica castreja pré-romana*”, mas com remota tradição eneolítica, foi também defendida (PINTO, 1928; CARDOZO, 1936: 87). Propôs-se igualmente uma cronologia do Calcolítico, em concreto da sua fase mais tardia e de âmbito campaniforme (LÓPEZ CUEVILLAS, 1930: 281; FERREIRA, 1971: 17). Considerou-se ainda que seriam da Idade do Bronze, com base nos vasos das necrópoles do concelho de Esposende (por exemplo, SOEIRO, 1988: 45).

É justamente já perto da última década do século XX que foi possível precisar com segurança a cronologia da cerâmica LBH, quando se passou a dispor do conhecimento de bons contextos, habitacionais e

<sup>1</sup> Agradecemos à D. Luísa Guerreiro, do Museu Nacional de Arqueologia, a confirmação desta equivalência numérica. Estamos igualmente gratos à Sociedade dos Amigos do Museu de Francisco Tavares Proença Júnior pela permissão de acesso aos inéditos de Tavares Proença.

funerários – estes são vasos ubíquos no que toca a natureza dos contextos –, datados pelo processo de Carbono 14 (Tabela 1). Tais resultados obrigaram a afastar a esmagadora maioria das propostas supra-referidas e circunscrever a cronologia destes vasos à Idade do Bronze, se bem que definida por amplos parâmetros, como defendeu, por exemplo, SUÁREZ OTERO (1997: 23), na Galiza, Ana BETTENCOURT (1997) e Domingos Cruz e Huet Bacelar (CRUZ e GONÇALVES, 1998-1999), em Portugal. Primeiro, e em contextos de povoado, as escavações realizadas na Bouça do Frade (Baião), onde se recolheram alguns fragmentos cerâmicos deste tipo, permitiram obter três datas de  $C_{14}$  coerentes entre si e com os respectivos contextos crono-culturais, que indicaram os séculos X-VIII a.C., ou seja, finais da Idade do Bronze (JORGE, 1988: 64). Depois, as escavações no povoado da Sola (Braga) também forneceram vários fragmentos cerâmicos LBH inseridos na mesma camada da estrutura n.º 1, para a qual existem duas datas que revelaram uma cronologia que aponta para o 2.º quartel do II milénio a.C. (BETTENCOURT, 1997: 624, 629). Por conseguinte, cronologias altas e baixas dentro da Idade do Bronze.

Todavia, a temática dos vasos LBH na sua globalidade, seja na vertente da natureza dos contextos, seja na da cronologia, seria só verdadeiramente escalpelizada na importantíssima análise crítica supramencionada, efectuada por Domingos Cruz e Huet Bacelar ainda em finais do século passado a propósito da necrópole de Agra de Antas

(Esposende), trabalho que incorpora a sistematização dos contextos (portugueses e espanhóis) então conhecidos com este tipo de vasos (CRUZ e GONÇALVES, 1998-1999).

Neste trabalho encontra-se ainda o resultado de uma análise radiométrica efectuada ao esqueleto (que viria a ser considerado santo milagreiro pela efabulação popular, chegando a ser rodeado de flores, conforme relatam Alfredo Atháide e Carlos Teixeira) de uma das sepulturas de planta trapezoidal daquela necrópole, a qual havia fornecido no seu conjunto 13 recipientes LBH, para além de um outro semicilíndrico (ATHÁIDE e TEIXEIRA, 1940; SOEIRO, 1988: 38). A referida sepultura foi datada de momentos iniciais do Bronze Final, ou seja, século XIV-inícios XI cal AC (CRUZ e GONÇALVES, 1998-1999: 16).

Posteriormente, viria a ser publicada uma outra data dessa mesma sepultura que confirmou a cronologia antes determinada e cuja média ponderada (1406-1132 cal AC) se situa entre inícios do século XV e os meados/finais do século XII a.C. (BETTENCOURT, 2010: 149-150). Entramos assim no século presente com a ideia de que estas cerâmicas, de contextos habitacionais e funerários (eles próprios englobando grande diversidade de situações, como cistas sem *tumulus*, fossas, monumentos com *tumulus*, etc.), como foi bem salientado por CRUZ e GONÇALVES (1988-1999: 7-13), sendo atribuíveis à Idade do Bronze, estão também vinculadas a uma longa diacronia dentro do II milénio a.C.

TABELA 1 – Datas de Radiocarbono relativas a contextos com vasos de Largo Bordo Horizontal

Identificação	Contexto	Referência de Laboratório	Resultado BP	Calibração AC		Natureza das amostras	Bibliografia
				1 sigma	2 sigma		
Bouça do Frade (Baião)	Povoado	CSIC-630	2720 ± 50	907-813	978-800	Carvão	JORGE (1988)
Bouça do Frade (Baião)	Povoado	CSIC-631	2720 ± 50	907-813	978-800	Carvão	JORGE (1988)
Bouça do Frade (Baião)	Povoado	CSIC-632	2710 ± 50	907-813	929-978	Carvão	JORGE (1988)
Sola (Braga)	Povoado	ICEN-1274	3310 ± 110	1734-1443	1879-1324	Carvão	BETTENCOURT (1997)
Sola (Braga)	Povoado	UtC-Nr. 4785	3315 ± 40	1670-1521	1683-1511	Carvão	BETTENCOURT (1997)
Agra de Antas (Esposende)	Sepultura	GrA-9653	2980 ± 50	1265-1119	1388-1340 1322-1019	Ossos humanos	CRUZ e GONÇALVES (1998-1999)
Agra de Antas (Esposende)	Sepultura	Média ponderal	3028 ± 40		1406-1132	Ossos humanos	BETTENCOURT (2010)
Monte da Ola		Beta-188258	2890 ± 40	1120-1000	1205-940	Carvão	DINIS e BETTENCOURT (2004)
Pego	Sepultura 9	AA89666	3328 ± 51	1669-1601 1592-1532	1740-1499	Fuligem	SAMPAIO e BETTENCOURT (2014)
Pego	Sepultura 5	AA102324	3540 ± 55	1946-1866 1848-1774	2026-1742 1710-1700	Fuligem	SAMPAIO (2014)
Quinta do Amorim 2	Estrutura 12	AA89661	3345 ± 42	1689-1605 1576-1536	1698-1524 1739-1705	Fuligem	SAMPAIO <i>et al.</i> (2014)
Fáisca	Necrópole	AA103119	3248±41	1560-1494 1608-1582 1478-1456	1616-1436	Fuligem	SAMPAIO (2014)

Isso mesmo veio a ser confirmado em importantes trabalhos desenvolvidos posteriormente por Ana M. S. Bettencourt e Hugo Sampaio, com novos achados e bons contextos datados pelo C14, como aconteceu com os da necrópole do Pego (Braga), Quinta do Amorim (Braga) e Faísca (Guimarães) (SAMPAIO, 2014; SAMPAIO e BETTENCOURT, 2014; SAMPAIO *et al.*, 2014).

Pela mesma altura é publicada a síntese temática já mencionada, onde se reúne a esmagadora maioria dos achados de Espanha e Portugal num expressivo catálogo de 76 exemplares, todos eles circunscritos ao Noroeste da Península Ibérica (NONAT, VÁZQUEZ LIZ e PRIETO MARTÍNEZ, 2015); atendendo à proximidade das datas de publicação, nem todos os dados analisados por Hugo Sampaio na sua tese de doutoramento puderam ser aí incluídos.

E, entretanto, outros achados se verificaram: três vasos da mamoa do Carreiro da Quinta (Vila Verde) (SAMPAIO *et al.*, 2013), o vaso de Bexo (Didro, A Coruña) (PRIETO MARTÍNEZ, VÁZQUEZ LIZ e CARAMÉS MOREIRA, 2018), os dois vasos das estruturas em negativo de Chã da Mourisca (Ponte de Lima), para além da divulgação de um outro exemplar (VILAS BOAS, 2020). Importa referir ainda que existem outros testemunhos inéditos, pelo menos e sobretudo resultantes de intervenções integradas em acções preventivas de salvaguarda e minimização patrimonial da responsabilidade de diversas equipas<sup>2</sup>. Os resultados destas intervenções não se encontram publicados, desconhecendo-se por isso o contexto em que foram exumados esses fragmentos cerâmicos.

E chegamos ao vaso da FSO, um contributo mais para o catálogo LBH.

<sup>2</sup> Estas informações foram-nos prestadas pela Mestre Sofia Silva, coordenadora científica da Axis Mundi Heritage & Archaeology, a quem agradecemos.

### 3. O VASO: DA FORMA E ESTILO AOS RESÍDUOS ORGÂNICOS

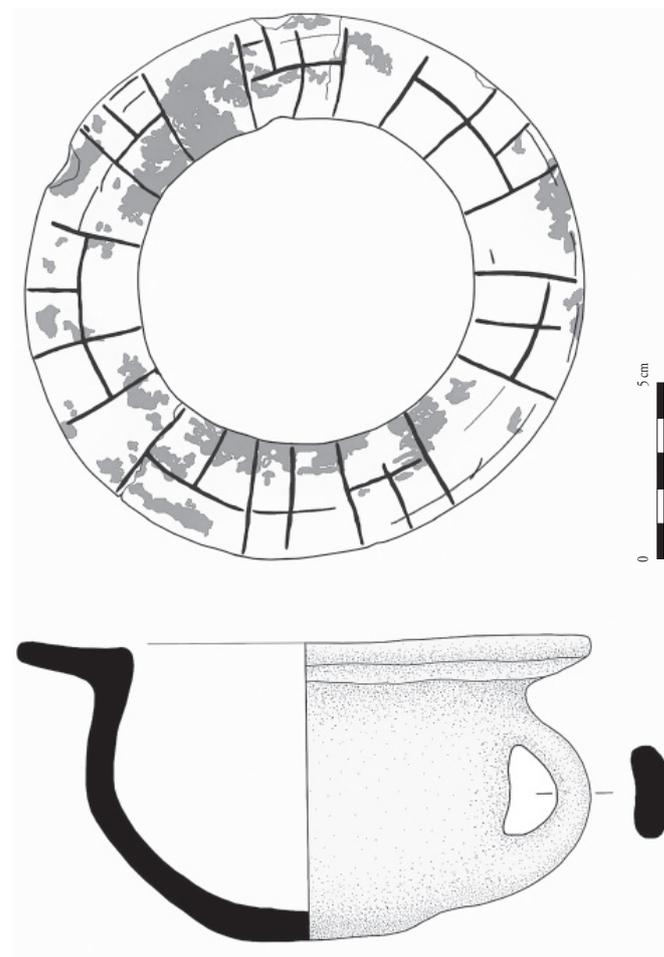
Como foi já referido, trata-se de um recipiente completo, apenas ligeiramente esboroado no bordo, onde também se assinalam duas pequenas fissuras. O fabrico é mediano, com elementos não plásticos de pequeno (< 0,5 mm) e médio calibre (entre 0,5 e 1 mm), bem distribuídos, de características arenosas, com alguns elementos micáceos. A cozedura é redutora e de boa qualidade. As superfícies, de tonalidade acastanhada (Cailleux P/R 70/71) foram cuidadosamente alisadas de forma homogénea. O corpo é semiglobular de base convexa, destacando-se a peculiar forma do bordo, largo e sub-horizontal (ligeiramente inclinado para o interior), com 2,9 cm de largura; o lábio é arredondado. A altura do vaso é de 8 cm e o diâmetro externo do bordo tem 16 cm. Possui uma asa em fita colocada entre a intersecção do bordo com o corpo e terminando próximo do fundo (Figs. 3 e 4).

O corpo e a asa são lisos, circunscrevendo-se a decoração ao bordo. Foi obtida com incisões largas e de profundidade variável, feitas com objecto de ponta romba; vislumbram-se ainda traços incisos muito ténues. Os motivos são lineares, paralelos entre si e orientados perpendicularmente ao bordo; a sua cadência é irregular, tal como a dimensão, isto é, nem sempre unindo as periferias externa e interna do bordo. Percorrendo a orientação do bordo, encontra-se na sua zona central uma linha incisa descontínua que é intersectada por aqueles segmentos lineares, dando origem a áreas em reserva (ou onde existem incisões quase imperceptíveis), que se alternam com outras decoradas. No conjunto configuram uma organização de tendência vagamente metopada. Na obra de NONAT, VÁZQUEZ LIZ e PRIETO MARTÍNEZ (2015) é estabelecida uma subdivisão tipológica para os vasos LBH, onde a angulação



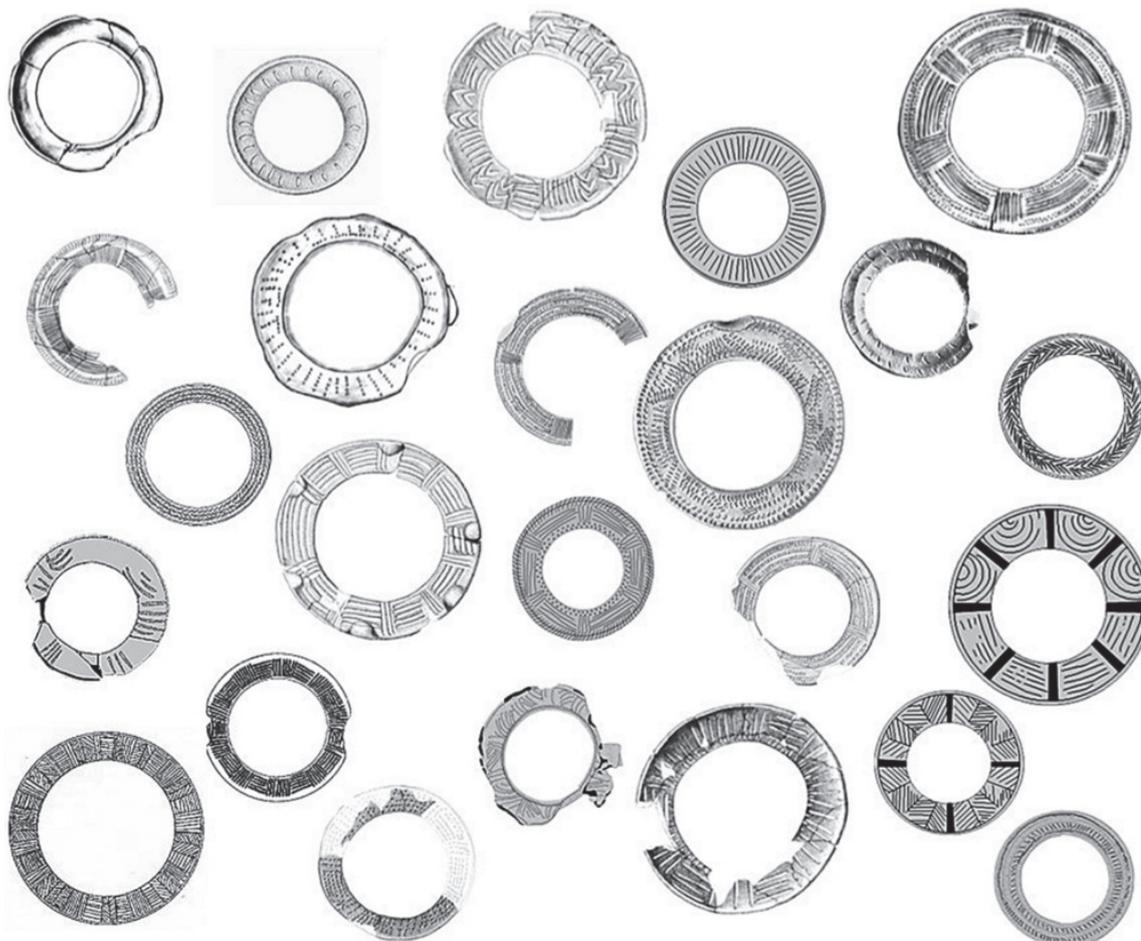
FIG. 3 – Múltiplas perspectivas do vaso da Fundação Sousa de Oliveira.

do bordo serve, juntamente com a forma do corpo, como critérios principais de distinção entre os subgrupos LBH1 e LBH2. Os vasos LBH1 têm corpos de forma simples, oval ou esférica, e os LBH2 possuem corpos de perfil composto, por vezes ligeira ou claramente carenados. Seguindo ainda aqueles investigadores, será importante notar que a primeira variante reúne vasos provenientes principalmente do norte de Portugal, enquanto os vasos LBH2 concentram-se particularmente na Galiza (NONAT, VÁZQUEZ LIZ e PRIETO MARTÍNEZ, 2015: 151). O vaso aqui estudado insere-se na subcategoria LBH1 e possui diversos paralelos na região norte do território português, designadamente na “Forma 3” da Bouça do Frade (JORGE, 1988: 23) e “Forma 13” da Sola (BETTENCOURT, 2000: 12), bem assim como em alguns dos exemplares de Agra de Antas (CRUZ e GONÇALVES, 1998-1999: fig. 3), nos das sepulturas do sector II do Pêgo (SAMPAIO e BETTENCOURT, 2014: fig. 6), nos de Chã da Mourisca (VILAS BOAS, 2020), entre outros. Todavia, note-se que as similitudes referidas não se reportam à organização decorativa do bordo, na medida em que a do vaso em apreço não tem paralelos directos nos demais exemplares conhecidos provenientes de território nacional (Fig. 5), situação que se repetiria caso se alargasse a análise aos vasos da Galiza. Trata-se de uma composição, digamos, pouco canónica, revelando antes uma certa liberdade ou irregularidade no desenho.



FIGS. 4 e 5 – Em cima, forma e bordo do vaso da Fundação Sousa de Oliveira, onde se assinalam a decoração e as manchas com resquícios de matéria orgânica.

À esquerda, diferentes motivos decorativos de bordos de vasos LBH encontrados em território português (fontes e escalas diversas).



Este é um dado que gostaríamos de salientar: à acentuada homogeneidade morfológica dos vasos LBH, em concreto LBH1, contrapõe-se uma assinalável diversidade de soluções na gramática decorativa dos bordos. Um outro aspecto muito interessante do vaso da Fso, mas não surpreendente – é recorrente em vasos deste grupo –, incide na existência de vestígios de fuligem e de resquícios de matéria orgânica (Fig. 6). Neste vaso observam-se na superfície exterior, em particular na zona do fundo, manchas de fuligem, indicando claramente que o vaso sofreu acção do fogo durante a sua utilização. Por outro lado, na superfície interior, em concreto na zona do bordo, espalhadas, mas especialmente na metade oposta à asa, concentram-se expressivas manchas enegrecidas de substâncias queimadas que formam por vezes uma espécie de crosta. Note-se que no bordo existem áreas onde o tom acastanhado da superfície é ligeiramente mais claro, sugerindo que estiveram cobertas com aquela substância, hoje desaparecida.

Os resíduos escuros observados na superfície interior do vaso foram analisados por cromatografia gasosa com espectrometria de massa (Gc-MS – *Gas Chromatography-Mass Spectrometry*)<sup>3</sup>. Esta técnica, que requiere um protocolo próprio de amostragem (Fig. 7), permite identificar e quantificar compostos orgânicos em materiais arqueológicos, podendo fornecer informações sobre a dieta, hábitos e costumes ancestrais. A análise ao vaso mostrou vestígios muito evidentes de gorduras, encontrando-se produtos da degradação de triglicéridos com origem em gorduras animais ou óleos vegetais. O colesterol, o ácido fitânico, os ácidos lineares C15 e C17 e os seus equivalentes de cadeia ramificada vieram demonstrar que uma parte importante dessas gorduras são de origem animal, mais concretamente de animais ruminantes. Foram de-

<sup>3</sup> Para a descrição da metodologia, resultados e respectiva discussão, veja-se OLIVEIRA *et al.*, 2022.



FIG. 6 – Dispersão das marcas de fuligem e de matéria orgânica no bordo do vaso e visão detalhada da decoração.

tectados compostos que apontam para que a carne tenha sido cozinhada, como ureia, benzamida e hexadecanamida, compostos ricos em azoto que têm a sua origem na degradação das proteínas da carne. A detecção de resíduos da queima da lignina alinha-se com os sinais bem visíveis da exposição deste recipiente ao fogo. Além destas gorduras de origem animal, encontraram-se também restos de óleos vegetais ricos em ácidos gordos monoinsaturados (OLIVEIRA *et al.*, 2022).

Em resumo, detectaram-se vestígios de gorduras degradadas de carne de animais ruminantes, juntamente com resíduos de óleos vegetais, numa mistura que terá sido exposta ao fogo.

#### 4. DATAÇÃO DE RADIOCARBONO

Os resquícios de fuligem e de matéria orgânica conservados nas paredes do vaso, em particular na zona do bordo, permitiram a realização de uma datação radiocarbónica. A amostra recolhida foi enviada para o laboratório de Vilnius (Lituania) – Center for Physical Sciences and Technology – e a datação foi realizada por espectroscopia (AMS – *Ambient Mass Spectrometry*).

Obteve-se o seguinte resultado: FTMC-RB08-3: 3451 ± 29 BP; a sua calibração para 68,3% de probabilidade apresenta os seguintes valores: 1873-1846 cal AC, 1816-1804 cal AC, 1775-1737 cal AC, 1716-1694 cal AC; para 95,4% de probabilidade os valores são: 1881-1836 cal AC, 1831-1684 cal AC, 1652-1644 cal AC (Tabela 2 e Fig. 8).

Face aos resultados e tendo em conta a calibração a 2 sigma, o uso do recipiente situar-se-á no 1.º quartel do II milénio, em concreto, entre finais do século XIX e meados do século XVII cal AC. Neste sentido e atendendo às informações reunidas para outros casos (Tabela 1), o resultado enquadra-se no bloco das datações mais antigas, que apontam para os inícios do Bronze Médio (ou mesmo finais do Bronze Antigo), aproximando-se dos resultados conhecidos para a Fase II do povoado da Sola (BETTENCOURT, 1997: 629), ou para a sepultura 7 do Pego e estrutura 12 da Quinta do Amorim (SAMPAIO, 2014: 432; SAMPAIO e BETTENCOURT, 2014: 53). Estes resultados são de especial interesse, tal como os do vaso da FSO, porque as amostras datadas são directas, da fuligem dos vasos.

O desconhecimento do contexto deste vaso condiciona outros comentários mais desenvolvidos.



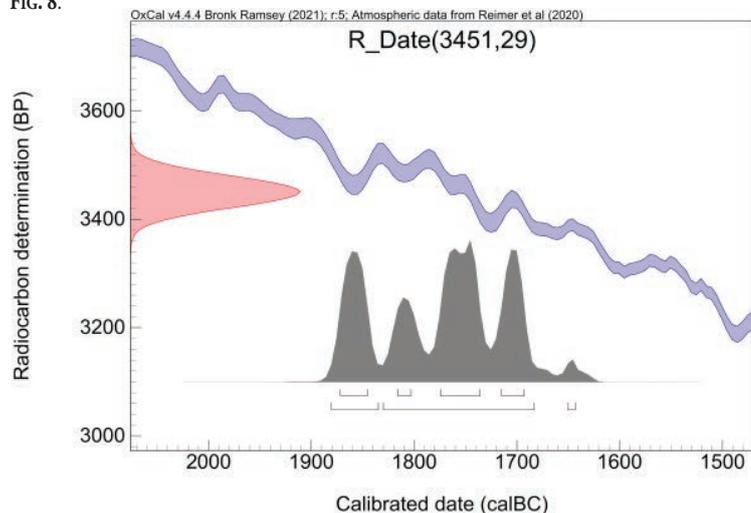
FIG. 7 – Pormenor do procedimento de raspagem do vaso e da recolha de material para análise cromatográfica.

TABELA 2 – Data de Radiocarbono do Vaso da Fundação Sousa de Oliveira

Amostra	Referência de Laboratório	Data BP	Data cal AC	Probabilidade
Fuligem	FTMC-RB08-3	3451 ± 29	1873 (18,3 %)-1846 1816 (6,2 %)-1804 1775 (28,6 %)-1737 1716 (15,2 %)-1694	68,3 %
			1881 (23,4 %)-1836 1831 (71,0 %)-1684 1652 (1,0 %)-1644	95,4 %

Calibração em OxCal 4.4 v4.4.4 Bronk RAMSEY (2021); r:5; Atmospheric data from REIMER *et al.* (2020)

FIG. 8.



## 5. UM VASO SEM SITUAÇÃO?

Justamente, o vaso é provido de orfandade no que respeita a sua proveniência e contexto.

Como referimos no início deste texto, até ao momento não foi encontrada no acervo documental da Fso qualquer informação que nos elucidasse sobre a proveniência e contexto do vaso, nem, tão-pouco, como terá chegado às mãos de Manuel Sousa de Oliveira.

Tratando-se de um tipo cerâmico perfeitamente identificado – vaso LBH – e estando igualmente bem circunscrita e definida a distribuição geográfica desta categoria – Noroeste da Península Ibérica –, não hesitamos em assumir, com riscos mínimos, que não poderá ser outra, se não essa, a proveniência do vaso da Fso. Note-se ainda que o subgrupo em que se insere é particularmente comum em vasos do norte de Portugal (NONAT, VÁZQUEZ LIZ e PRIETO MARTÍNEZ, 2015: 63-64, 67, fig. 17). Tal presunção deve ser cruzada com a biografia de M. Sousa de Oliveira, em especial com as circunstâncias em que decorreu parte da sua vida profissional: entre 1951 e 1963 (ou 1964, consoante as fontes) exerceu as funções de director no então Museu Regional de Viana do Castelo (actual Museu de Artes Decorativas) (BAIROS, 2018; BOTELHO, 2022). Admitimos que terá sido neste período que o vaso lhe deverá ter chegado às mãos.

De facto, M. Sousa de Oliveira interessou-se pela Arqueologia e colaborou durante aquele período em escavações de Abel Viana em castros da região de Viana do Castelo e áreas circum-vizinhas, como o castro de São Caetano (Monção). Apresentou pelo menos cinco comunicações, só ou de colaboração com aquele arqueólogo, em congressos em Portugal e Espanha (por exemplo, IV Congresso Internacional das Ciências Pré-Históricas e Proto-Históricas, Madrid, 1954; I Congresso Nacional de Arqueologia, Lisboa, 1958; VI Congresso Nacional de Arqueologia, Oviedo, 1959; VIII Congresso Nacional de Arqueologia, Sevilha, 1964; III Colóquio Portuense de Arqueologia, Porto, 1964), apresentações de que resultaram três publicações, duas delas como co-autor.

De especial interesse para o presente trabalho poderia ter sido a comunicação que levou ao congresso realizado em Madrid (1954), e cuja notícia consta no respectivo programa das comunicações orais com a designação “Algumas considerações acerca da Idade do Bronze de Portugal” (COMAS, 1954: 41), ou com título ligeiramente diferente, isto é, “Notas para o estudo da idade do bronze no Norte de Portugal” (PAÇO, 1956: 220). Caso, à época, o vaso fosse já do seu conhecimento, é admissível que o tivesse referido nessa apresentação. Lamentavelmente, e que seja do nosso conhecimento, a comunicação não foi publicada, embora algum rascunho dela possa existir no acervo da Fso e venha a revelar algum dado sobre a pista que perseguimos.

Também não deixámos de a procurar no actual Museu de Artes Decorativas de Viana do Castelo (ver acima), no sentido da eventual localização de algum registo ou documento que ajudasse a resolver

o problema. A informação que conseguimos obter em Fevereiro de 2023 pouco acrescentou aos dados que possuíamos e que enviámos juntamente com o nosso pedido <sup>4</sup>. De facto, a opinião dos colegas do museu foi ao encontro do que tínhamos escrito sobre a admissibilidade de o vaso pertencer ao conjunto de Monte da Ola (Viana do Castelo) (OLIVEIRA *et al.*, 2022).

Tínhamos considerado neste trabalho a existência de diversas possibilidades sobre a forma como o vaso chegou às mãos de M. Sousa de Oliveira. Poderia tratar-se de uma peça de escavações próprias (ou em que havia participado), hipótese que admitimos ser pouco provável. Poderia ter sido encontrado por outrem, de forma casuística ou não, durante o período em que foi responsável pelo museu vianense, tendo-lhe sido então entregue. Ou alguém possuía já o vaso, isto é, já o tinha em sua posse antes de 1951, tendo-o oferecido, ou vendido, então, ao museu ou ao próprio Sousa de Oliveira. A hipótese de o vaso fazer já parte do acervo do museu antes de 1951 também não é de rejeitar, mas a informação que nos foi disponibilizada oficialmente pelo museu é omissa nesse aspecto. Finalmente, não nos parece nada provável que a obtenção da peça tenha sido posterior ao abandono do cargo de direcção de M. Sousa de Oliveira, quando ingressou como professor em Aveiro, Coimbra e Caldas da Rainha (BAIROS, 2018: 19). Importará lembrar que durante o período de 1951 a 1963 não se conhece qualquer notícia sobre o achado de vasos LBH. Mas vasos LBH encontrados até 1951 e cujo paradeiro é dado como desconhecido, é realidade a não desconsiderar. Poderá ser o caso de Faisca (Guimarães), onde apareceram em distintos momentos do ano de 1935 diversos vasos, associados a fossas abertas no saibro, dos quais se recuperaram apenas (a totalidade?) oito (CARDOZO, 1936).

Mas o caso que nos merece especial atenção, até pela proximidade geográfica, é o de Monte da Ola, Vila Fria (Viana do Castelo) (OLIVEIRA *et al.*, 2022). Pelo menos dois dos três vasos aí encontrados em 1929, quase à superfície, têm paradeiro desconhecido. Apenas um, que havia pertencido a Joaquim Fernandes Ferreira, professor do liceu de Viana do Castelo, foi publicado (PAÇO, 1933; FERREIRA, 1971).

Trata-se do vaso hoje em exibição na chamada “Casa dos Nichos” (Núcleo Museológico de Arqueologia de Viana do Castelo) (Fig. 9), que oferece a particularidade de possuir um orifício na sua base, pormenor que permite inscrevê-lo igualmente, à semelhança de outros recipientes, como os de Quinta da Seara (Arcos de Valdevez) e de Xendive (Ourense) (CRUZ e GONÇALVES, 1999: 7-8, notas 10 e 14), na problemática dos vasos intencionalmente perfurados com presumíveis finalidades rituais (VILAÇA e CRUZ, 1999: 87; VILAÇA, 2017: 115).

<sup>4</sup> Queremos expressar os nossos agradecimentos à Dr.ª Salomé Abreu, chefe de divisão da Câmara Municipal de Viana do Castelo, as diligências que efectuou junto dos colegas de Arqueologia e de História do município, no sentido de poderem confirmar a existência de alguma informação sobre o vaso.



FIG. 9 – Vaso do Monte da Ola (Vila Fria) em exibição na “Casa dos Nichos”.

Foto: Câmara Municipal de Vila do Castelo.

O lugar e contexto de achado dos três vasos de Monte da Ola é desconhecido. Com o intuito de se esclarecer o problema, em 2003 conseguiu-se obter algumas informações orais que levariam à presumível zona de achado onde, então, se realizaram sondagens (DINIS e BETTENCOURT, 2004). Os testemunhos orais mencionaram a existência de sepulturas de planta rectangular estruturadas e tapadas com uma laje, contendo cada uma malga; as sondagens realizadas, apesar de não terem revelado quaisquer evidências empíricas de cariz funerário, forneceram alguns fragmentos cerâmicos e carvões que proporcionaram datação radiométrica (Tabela 1) apontando para os finais do século XIII e os meados do século X cal AC, e que os autores admitem ser possível articular com a necrópole descoberta na década de 1920 (DINIS e BETTENCOURT, 2004: 80).

Dos três vasos do Monte da Ola permanece a situação relatada por Afonso do Paço: apenas é conhecido o paradeiro de um. Pelas considerações feitas anteriormente, defendemos a hipótese, muito plausível, de o vaso da Fso poder, ou dever ser, um dos dois desconhecidos.

## 6. NOTAS FINAIS

Não perdendo de vista os constrangimentos inerentes ao estudo deste vaso, plenamente justificados ao longo deste trabalho, mas valorizando o que foi possível observar e construído a nível de conhecimento, importa tecer mais alguns comentários.

É certo que, no que concerne a natureza do contexto do vaso da Fso, não podemos deixar de o incluir no grupo dos “indeterminados” (CRUZ e GONÇALVES, 1998-1999: 9). Todavia, e atendendo sobretudo ao estado de conservação do vaso – encontra-se praticamente intacto –, não deixa de fazer algum sentido entendê-lo como uma deposição intencional, de carácter ritual, especificamente funerário, ou outro. É nestas situações, ao contrário dos sítios habitados, onde dominam fragmentos cerâmicos, que encontramos por norma recipientes completos ou pouco fragmentados.

Mas um segundo argumento, de não menor importância, converge para a hipótese de corresponder a uma deposição intencional: a existência de fuligem e, sobremaneira, de vestígios de matéria orgânica no interior

do vaso. Insistimos nesta distinção, na medida em que nem todos os casos que possuem fuligem (bastante mais frequentes e podendo indicar, tão-só, uso ao lume em contexto habitacional ou outro, ou que foi obtida em fase pós-deposicional) conservaram resíduos, expressões que se tomam por vezes como sinónimos, mas que não o são. Como foi observado, a presença de resquícios de substâncias é bastante mais recorrente nos vasos procedentes de contextos funerários (NONAT, VÁZQUEZ LIZ e PRIETO MARTÍNEZ, 2015: 101), realidade que também se confirmou em exemplares de diversos contextos funerários e rituais estudadas por SAMPAIO (2014) e por SAMPAIO e BETTENCOURT (2014). Admitamos, então, que o vaso ora publicado é de índole funerária ou ritual. A arqueometria não prova, mas suporta igualmente esta linha interpretativa.

As análises de cromatografia – as certas para se obter a informação pretendida – foram muito compensadoras porque, na verdade, nada de concreto se sabia sobre o(s) tipo(s) de substância(s) associadas a cerâmicas LBH. Alguma bibliografia tem vindo a referir-se à realização de análises, mas que se revelaram inconclusivas (SAMPALIO, 2014: 346, 639), aguardando-se para breve a sua repetição. Por outro lado, foram também avançadas algumas hipóteses generalistas, como substâncias vegetais (resinas e ceras) e animais (gordura e vísceras) que carecem de fundamentação química (NONAT, VÁZQUEZ LIZ e PRIETO MARTÍNEZ, 2015: 102).

Por conseguinte, a natureza dos dados que publicámos (OLIVEIRA *et al.*, 2022) é absolutamente pioneira em vasos LBH. É certo que as análises não foram realizadas em situação ideal, uma vez que deviam ter sido acompanhadas por outras de controlo (detecção de eventuais contaminações) aos sedimentos que envolviam o seu contexto, protocolo em que alguns investigadores têm insistido (por exemplo, PECCI, 2021: 16). Não foi possível, mas os resultados obtidos foram muito claros: detetaram-se vestígios de gorduras degradadas compatíveis com gordura de animais ruminantes, e a presença de ácidos gordos insaturados aponta

a presença de resíduos de óleos vegetais; por sua vez, a detecção de compostos ricos em azoto, bem como vestígios de queima de lenhina, sugere que a mistura terá sido aquecida no vaso.

Que significado poderá ser atribuído a estes resultados? É difícil dar uma resposta inequívoca.

O que se observou no vaso que estudámos é que os resíduos orgânicos (e não mera fuligem) estão concentrados no e na envólucro do bordo, tal como sucede em outros exemplares LBH, os quais apresentam, também de modo bastante expressivo, esses resíduos em posição mais ou menos oposta à da asa (CARDOSO, 1936: 77; SOEIRO, 1988; CRUZ e GONÇALVES, 1998-1999: 10; BETTENCOURT, 2011: 131; SAMPAIO, 2014: 636, 648; NONAT, VÁZQUEZ LIZ e PRIETO MARTÍNEZ, 2015, 101).

Para os exemplares de contexto funerário parece haver concordância quanto à existência de uma manipulação prévia destes vasos com recurso ao fogo antes da sua deposição. É sugestiva a interpretação considerada por BETTENCOURT (2011: 131) e SAMPAIO (2014: 346, 684), que pressupõe movimento dos actores intervenientes, onde o manuseamento dos vasos provocaria o transbordo dos conteúdos pela acção do andar, ou pelo derrame do conteúdo do vaso associado a práticas rituais. Assim, por detrás do andar com o vaso ligeiramente inclinado poderá vislumbrar-se uma atitude performativa recorrente, isto é, repetida, ritualizada. O derrame propositado do conteúdo seria compatível com a inclinação do vaso através da apreensão pela asa, apesar de estarmos perante uma forma do bordo, muito largo, nada adequada a verter substâncias em estado semilíquido ou semipastoso. A mistura de óleos animais e vegetais, com predominância para os primeiros, associada a vestígios de queima de lenhina, possibilitaria também um uso como combustível. Não descartamos, assim, a possibilidade de estes vasos envolverem em alguns casos, conjuntamente com a manipulação ritual do fogo, práticas simbólicas onde a iluminação desempenharia papel importante, inclusive mais dirigido em determinada direcção, implicando, nessa focagem, a inclinação do vaso e conseqüente derrame. Aliás, a hipótese de estes vasos terem servido para que neles ardesse uma mecha embebida em óleo não deixou de ser colocada por Mário Cardozo, mas este acabou por propor que o conteúdo corresponderia a restos de alimentação (CARDOZO, 1936: 77-79).

Com todas as incertezas que marcaram este texto, é inequívoco que o vaso estudado se insere no peculiar grupo de cerâmicas tão característico da Galiza e do Minho. Precisamente, o somatório sucessivo de achados de vasos LBH desde inícios do século XX tem vindo a densificar – e não a ampliar – a sua área de distribuição.

A partir dos dados sistematizados em NONAT, VÁZQUEZ LIZ e PRIETO MARTÍNEZ (2015) e, portanto, não incorporando novos achados (ver acima) que só reforçariam esse cariz regional dos vasos LBH, recorreremos ao *software* Quantum GIS 3.22.11 Białowieża para a realização de um mapa térmico (*heatmap*). Aí, os achados expressam-se em manchas de

maior ou menor densidade, através de variações de cor quente, estando as manchas mais escuras associadas às áreas com maior concentração de sítios arqueológicos (Fig. 10). É notório que os vasos LBH não atravessaram fronteiras.

Como é sobejamente conhecido, esta região dos vasos LBH pauta-se, na Idade do Bronze e desde a sua fase inicial, por grande abertura ao exterior, especificamente no contexto do chamado “*mundo atlântico*”, sendo manifesta a circulação de bens de diversa natureza, alimentando distintas redes de trocas culturais e inter-comunitárias.

O carácter centrípeto da distribuição dos vasos LBH contraria essa tendência geral de abertura ao longo do II milénio a.C., apontando antes para uma fraca mobilidade dos grupos humanos que manipularam essas cerâmicas, sugerindo, ao mesmo tempo, particular coesão identitária dessas comunidades.

É igualmente interessante verificar que, ao contrário dos vasos LBH, outras cerâmicas de cronologia globalmente contemporânea, como são as do “*mundo Cogotas I*” (e Cogeces), tiveram comportamento inverso: libertando-se da sua região nuclear, a Meseta Norte, e sem perder a sua identidade matricial, dispersaram-se em múltiplas direcções e por vários contextos (ABARQUERO MORAS, 2012).

Embora não se circunscrevam a eles, os vasos LBH revelam-se em contextos de natureza funerária ou ritual (inclusive em povoados), distanciando-se mais de meras práticas do quotidiano. Essa circunstância, associada às características estilísticas inerentes e ao facto de muitos deles, como o da FSO, conservarem resíduos do seu uso, de cariz não especificamente alimentar, são indicadores da importância que (pelo menos alguns) terão tido como instrumentos operativos na reprodução de estratégias sociais intra ou inter-grupos vinculados ao Noroeste Peninsular, como “*symbols in action*” (HODDER, 1982). Nesse sentido, mais do que um uso meramente funcional, os vasos LBH podem ser distinguidos pelo seu papel social e ideológico. E também identitário, na medida em que a sobrevivência de vasos LBH ao longo de distintas gerações, mantendo um cariz estilístico arcaizante, e alguns possivelmente com compridas biografias, decerto expressariam determinado(s) significado(s) enquanto elementos de referência em termos identitários, de cariz familiar ou comunitário.

## AGRADECIMENTOS

À Fundação Sousa de Oliveira, na pessoa do seu Presidente, Dr. Carlos de Melo Bento, pelo apoio dado à realização da datação de radiocarbono. Ao Dr. Diogo Teixeira Dias, Técnico Superior da Câmara Municipal de Vila Franca do Campo, por ter estabelecido os primeiros contactos entre a Fundação e o Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC). Ao Dr. José Luís Madeira, Técnico Superior da FLUC, pela ajuda e sugestões na realização do desenho do vaso. 

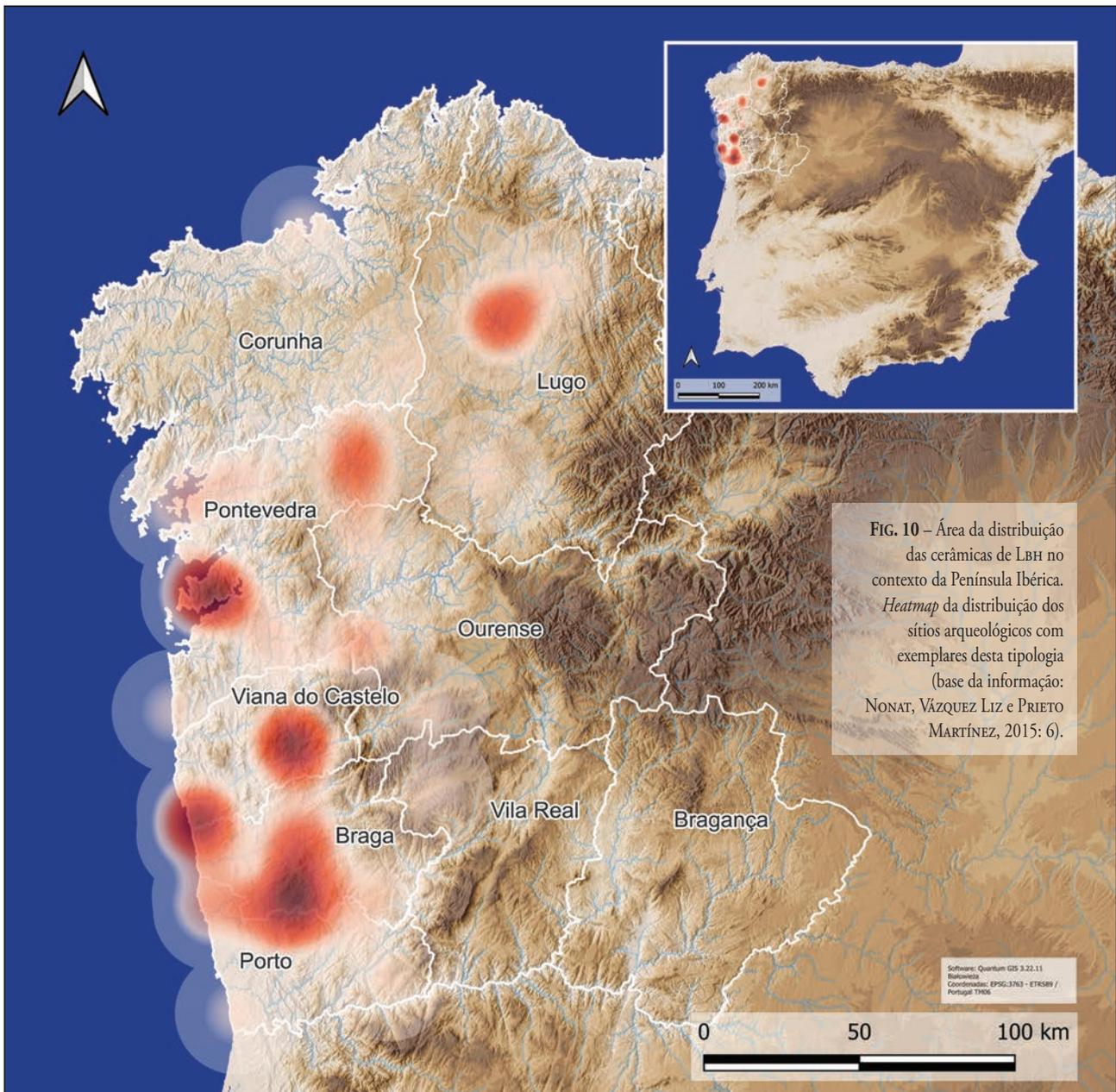


FIG. 10 – Área da distribuição das cerâmicas de LBH no contexto da Península Ibérica. Heatmap da distribuição dos sítios arqueológicos com exemplares desta tipologia (base da informação: NONAT, VÁZQUEZ LIZ e PRIETO MARTÍNEZ, 2015: 6).

## BIBLIOGRAFIA

- ABARQUERO MORAS, Francisco Javier (2012) – “Cogotas I más allá del territorio nuclear. Viajes, bodas, banquetes y regalos en la Edad del Bronce Peninsular”. In RODRÍGUEZ MARCOS, José Antonio e FERNÁNDEZ MANZANO, Julio (eds.). *Cogotas I. Una cultura de la Edad del Bronce en la Península Ibérica*. Valladolid: Universidad de Valladolid, pp. 59-110.
- ATAÍDE, Alfredo e TEIXEIRA, Carlos (1940) – “A Necrópole e o Esqueleto de S. Paio de Antas e o Problema dos Vasos de Largo Bordo Horizontal”. In *I Congresso do Mundo Português*. Lisboa. Vol. 1, pp. 669-683.
- BAIROS, Sandra (2018) – *Contributo para a criação do Serviço Educativo da Fundação Sousa d’Oliveira. O desenvolvimento de laços entre o espólio arqueológico e os públicos mais jovens*. Universidade dos Açores (dissertação de mestrado em Património, Museologia e Desenvolvimento). Disponível em <https://tinyurl.com/mr2frs94>.
- BETTENCOURT, Ana M. S. (1997) – “Expressões Funerárias da Idade do Bronze no Noroeste Peninsular. «O problema é sempre o de dar o trabalho por terminado, com o pensamento de nunca acabar coisa alguma...» (T. Bernhard 1993: 52)”. In BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo e BUENO RAMÍREZ, Primitiva (eds.). *II Congreso de Arqueología Peninsular. Tomo II - Neolítico, Calcolítico y Bronce*. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques, pp. 621-632. Disponível em <https://tinyurl.com/2892hhwy>.
- BETTENCOURT, Ana M. S. (2000) – *O Povoado da Idade do Bronze da Sola, Braga, Norte de Portugal*. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais (*Cadernos de Arqueologia. Monografias*, 9).
- BETTENCOURT, Ana M. S. (2010) – “La edad del bronce en el Noroeste de la Península Ibérica: un análisis a partir de las prácticas funerarias”. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid: CSIC. 67 (1): 139-173. Disponível em <https://tinyurl.com/y3cy9knz>.
- BETTENCOURT, Ana M. S. (2011) – “Estruturas e Práticas Funerárias do Bronze Inicial e Médio do Noroeste Peninsular”. In BUENO, Primitiva; GILMAN, Antonio; MARTÍN MORALES, Concha e SÁNCHEZ PALENCIA, F.-Javier (eds.). *Arqueología*,

- Sociedad, Territorio y Paisaje. Estudios sobre Prehistoria Reciente, Protohistoria y transición al mundo romano. Homenaje a M<sup>a</sup>. Dolores Fernández Posse*. Madrid: CSIC, pp. 115-139. Disponível em <https://tinyurl.com/yvuumdrf>.
- BOTELHO, João Alpuim (2022) – “Oliveira, Manuel Sousa d’”. In SILVA, Raquel Henriques da; MONTEIRO, Joana d’Oliva; FERREIRA, Emília e PEREIRA, Elisabete (eds.). *Dicionário Quem é Quem na Museologia Portuguesa*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, pp. 422-424. Disponível em <https://tinyurl.com/2p9475c7>.
- CAILLEUX, André (1981) – *Notice sur le Code des Couleurs des Sols*. Paris: Éditions Boubée.
- CARDOZO, Mário (1936) – “Novas Urnas de Largo Bordo Horizontal. Um tipo regional de cerâmica primitiva”. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto: SPAE. 8: 65-87. Disponível em <https://tinyurl.com/2z8h3cst>.
- COMAS, Juan (1954) – “El IV Congreso Internacional de Ciencias Prehistóricas y Protohistóricas”. *Boletín Bibliográfico de Antropología Americana*. Pan American Institute of Geography and History. 17 (1): 37-43.
- CRUZ, Domingos e GONÇALVES, António H. Bacelar (1998-1999) – “A Necrópole de Agra de Antas (S. Paio de Antas, Esposende, Braga)”. *Portugalia*. Porto: Universidade do Porto. Nova Série. 19-20: 5-27. Disponível em <https://tinyurl.com/3e5da7kb>.
- DIAS, Diogo Teixeira (2020) – “Conversa de Arqueólogos: divulgar a arqueologia em tempos de pandemia”. In ARNAUD, José Morais; NEVES, César e MARTINS, Andrea (eds.). *Arqueologia em Portugal. 2020 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 377-388. Disponível em <https://tinyurl.com/mrzbc6x>.
- DINIS, António e BETTENCOURT, Ana M. S. (2004) – “Sondagens Arqueológicas no Monte da Ola, Vila Fria, Viana do Castelo (Norte de Portugal)”. *Portugalia*. Porto: Universidade do Porto. Nova série. 25: 75-89. Disponível em <https://tinyurl.com/33hwbxus>.
- FERREIRA, Octávio da Veiga (1971) – “Algumas Considerações sobre os Chamados Vasos de Largo Bordo Horizontal ou Chapéu Invertido e sua Distribuição em Portugal”. *Arqueologia e História*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 9.ª série. 3: 9-20. Disponível em <https://tinyurl.com/2p92c5f3>.
- FORTES, José (1905-1908) – “Vasos em forma de chapéu invertido (Vila do Conde)”. *Portugalia*. Porto. 2: 662-665.
- HODDER, Ian (1982) – *Symbols in action. Ethnoarchaeological studies of material culture*. Cambridge: Cambridge University Press (*New Studies in Archaeology*).
- JORGE, Susana Oliveira (1988) – *O Povoado da Bouça do Frade (Baião) no Quadro do Bronze Final do Norte de Portugal*. Porto: GEAP (*Monografias Arqueológicas*, 2).
- LÓPEZ CUEVILLAS, Florentino (1930) – “Novas Cerâmicas de Antas Galegas”. *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*. Porto: SPAE. 4 (3): 263-283. Disponível em <https://tinyurl.com/3427j4j6>.
- NONAT, Laure; VÁZQUEZ LIZ, Pablo e PRIETO MARTÍNEZ, María Pilar (2015) – *El vaso de largo bordo horizontal. Un trazador cultural del noroeste de la Península Ibérica en el II milenio BC*. Archaeopress (*BAR - International Series*, 2699).
- OLIVEIRA, César; VILAÇA, Raquel; PEREIRA, André Lopes e VITALE, Anna Lígia (2022) – “Unveiling the Use of Wide Horizontal Rim Vessels (Bronze Age Northwest Iberian Peninsula)”. *Separations*. MDPI Journals. 9 (11): 366. Disponível em <https://tinyurl.com/8kzrz3jx>.
- PAÇO, Afonso do (1933) – “Vaso de Bordo Horizontal de Vila Fria”. In *Homenagem a Martins Sarmento*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, pp. 272-276.
- PAÇO, Afonso do (1956) – “IV Congresso Internacional das Ciências Pré-Históricas e Proto-Históricas”. *Arqueologia e História*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 8.ª série. 7: 213-237. Disponível em <https://tinyurl.com/y5e66rep>.
- PECCI, Alessandra (2021) – “Análisis de residuos químicos en materiales arqueológicos: marcadores de actividades antrópicas en el pasado”. *Pyrenae*. Barcelona: Universidade de Barcelona. 52: 7-54. Disponível em <https://tinyurl.com/3wdaudcy>.
- PEREIRA, Félix Alves (1904) – “Acquisições do Museu Ethnológico Português”. *O Archeologo Português*. Lisboa. 1.ª Série. 9: 37-39. Disponível em <https://tinyurl.com/2s3kukm>.
- PEREIRA, André e VITALE, Anna (2021) – “A Problemática da Mobilidade de Materiais Arqueológicos Entre Entidades Públicas e Privadas: o caso da coleção de Pré-história de Manuel Sousa d’Oliveira”. Comunicação apresentada às VI Jornadas de Pré e Proto-história da FLUC (Coimbra, 2021-12-10).
- PINTO, Rui de Serpa (1928) – “Concelho da Póvoa do Varzim. Apontamentos arqueológicos”. *A Voz do Crente*. Ano II. 66: 4.
- PRIETO MARTÍNEZ, M. Pilar; VÁZQUEZ LIZ, Pablo e CARAMÉS MOREIRA, Vicente (2018) – “El vaso carenado de Bexo (Dodro, A Coruña)”. *Cuadernos de Estudios Gallegos*. Madrid: CSIC. 65 (131): 13-35. Disponível em <https://tinyurl.com/57s6ajuy>.
- PROENÇA JÚNIOR, Francisco Tavares (s.d.) – *Manuscritos Inéditos “Apontamentos de Archeologia”* (em depósito no Museu Francisco Tavares Proença Júnior).
- SAMPAIO, Hugo (2014) – *A Idade do Bronze na Bacia do Rio Ave (Noroeste de Portugal)*. Braga, Universidade do Minho (tese de doutoramento em Arqueologia). Disponível em <https://tinyurl.com/3zyhx3ma>.
- SAMPAIO, Hugo e BETTENCOURT, Ana M. S. (2014) – “Between the valley and the hilltop. Discoursing on the spatial importance of Pego’s bronze age necropolis, Braga (Northwest of Portugal)”. *Estudos do Quaternário*. Braga: APEQ. 10: 45-57. Disponível em <https://tinyurl.com/4sbe965f>.
- SAMPAIO, Hugo; MACIEL, Tarcísio; BETTENCOURT, Ana e SIMÕES, Pedro (2013) – “A Mamoá do Carreiro da Quinta, Lage, Vila Verde, NO de Portugal: resultados de uma escavação de emergência”. *Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra. 52: 37-66.
- SAMPAIO, Hugo; AMORIM, Maria João; VILAS-BOAS, Luciano e BRAGA, Ana Catarina (2014) – “Contributo para o Estudo dos Contextos Funerários do Noroeste Português: o caso de estudo da Quinta do Amorim 2, Braga”. *Estudos do Quaternário*. Braga: APEQ. 10: 35-43. Disponível em <https://tinyurl.com/yc3dbvz6>.
- SARMENTO, Francisco Morais (1901) – “Materiais para a Arqueologia do Concelho de Guimarães”. *Revista de Guimarães*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento. 18 (3-4): 117-135. Disponível em <https://tinyurl.com/2h93a32u>.
- SOEIRO, Teresa (1988) – “A Propósito de Quatro Necrópoles Proto-Históricas do Concelho de Esposende”. In *Actas do Colóquio Manuel de Boaventura (1885-1985)*. Esposende: Casa da Cultura - Biblioteca Municipal, pp. 35-62.
- SUÁREZ OTERO, José (1997) – “O Vaso de Martul (Outeiro de Rei, Lugo) e o Problema dos Vasos de Bordo Revirado no Noroeste Hispânico”. *CROA. Boletín de la Asociación de Amigos do Castro de Viladonga*. Castro de Rei (Lugo). 7: 22-29. Disponível em <https://tinyurl.com/4hh9rzpa>.
- VASCONCELOS, José Leite de (1905) – “Notice sommaire sur le Musée Ethnologique Portugais”. *O Archeologo Português*. Lisboa. 1.ª Série. 10: 65-71. Disponível em <https://tinyurl.com/2wsv3fmz>.
- VILAÇA, Raquel (2017) – “Da Morte e Seus Rituais em Finais da Idade do Bronze no Centro de Portugal: 20 anos de investigação”. In *Mesa-Redonda «A Pré-história e a Proto-história no Centro de Portugal: avaliação e perspectivas de futuro»*. Viseu: Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Baixa, pp. 101-133 (*Estudos Pré-Históricos*, 17). Disponível em <https://tinyurl.com/hhyv2y4m>.
- VILAÇA, Raquel e Cruz, Domingos J. (1999) – “Práticas Funerárias e Culturais dos Finais da Idade do Bronze na Beira Alta”. *Arqueologia*. Porto: GEAP. 24: 73-99.
- VILAS BOAS, Luciano A. (2020) – “A Chã da Mourisca na Idade do Bronze. Um sítio arqueológico em Refóios do Lima”. In *Ponte do Lima: do passado ao presente, rumo ao futuro!* Ponte de Lima: Câmara Municipal de Ponte de Lima. 6: 57-77. Disponível em <https://tinyurl.com/3fpc2n4y>.

[todas as ligações à Internet apresentadas estavam activas em 2023-06-13]